

# O SENHOR PASSOU A REINAR (Ap 19,6)

Johan Konings

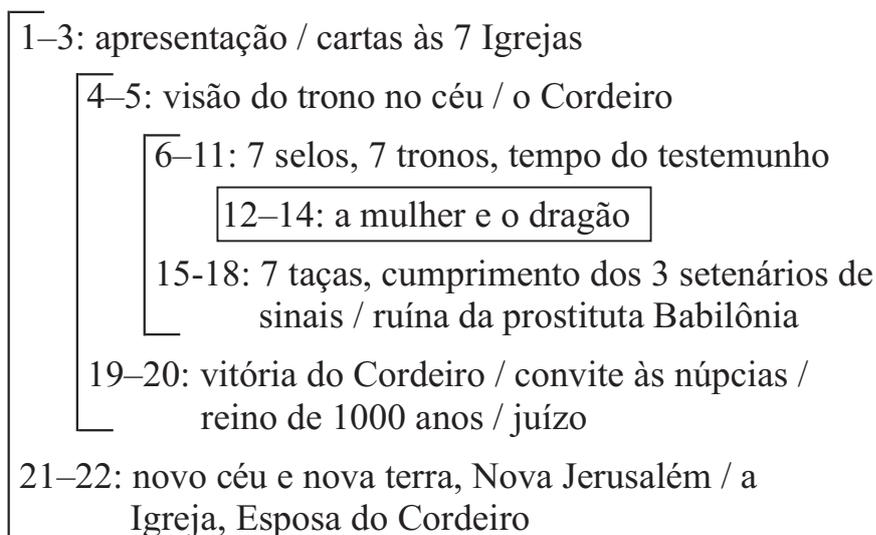
## Apocalipse: gênero literário

Grave mal-entendido em torno do Apocalipse provém de não lhe perceber, com a necessária perspicácia, o gênero literário. A apocalíptica não é futurologia. É um gênero literário no qual o profeta profere, normalmente em termos altamente simbólicos, a interpretação da história a partir de uma visão de revelação, que pode ser extático-carismática ou apenas literária e fictícia. Assim, o Apocalipse de João não é um livro de futurologia, de ficção científica, mas uma mensagem profética, destinado a abrir os olhos do leitor/ouvinte (pois era lido na assembléia) para os “sinais do tempo”. No Apocalipse de João, o visionário, privilegiado com o dom carismático da visão, chama suas visões de “profecias”. E aqui cabe observar que, também no Antigo Testamento, as profecias não são predições para o futuro, mas interpretações do presente à luz da percepção religiosa, ou seja, da aliança de Deus com Israel ou do “projeto de Deus”.

## A estrutura geral do Apocalipse de João

O Apocalipse de João não deve ser entendido como o cronograma do fim do mundo, mas como o relato da experiência carismática de certo número de visões, neste caso, organizadas com grande talento literário, numa composição de conjunto monumental. Ainda que se possa distinguir, talvez, diversas fases subjacentes à composição atual, cremos que a composição atual é suficientemente coerente para permitir uma compreensão da estrutura de conjunto do texto como ele se apresenta aos nossos olhos.

De modo simplificado, podemos representar o Apocalipse pelo seguinte esquema<sup>1</sup>:



1. Cf. Bíblia Sagrada – Tradução da CNBB (2ª ed., Petrópolis: Vozes, e.o., 2002), p. 1444 (Introd. ao Apocalipse).

Os capítulos 1–3 e 21–22 constituem, a nosso ver, a moldura eclesial da visão. Os capítulos 1–3 são uma grandiosa visão de sete cartas enviadas às sete Igrejas da região de Éfeso. A terminologia, sobretudo da descrição de Cristo e dos “prêmios” prometidos às igrejas, corresponde de modo notável à terminologia da visão final (20–21), acerca do novo céu e nova terra, da nova Jerusalém e das núpcias messiânicas. Por isso acreditamos que as igrejas não significam apenas as da região de Éfeso, mas, no seu número de “sete”, representam a Igreja como tal.

Os capítulos 4–20 são uma combinação de visões acerca da realidade da Igreja no meio da opressão. O visionário a vê participando na vitória do Cordeiro. Emoldurados pela visão do trono de Deus e do Cordeiro (caps. 4–5) e da vitória do Cordeiro (caps. 19–20), os capítulos 6–18 desenvolvem três setenários de sinais: três vezes o número da plenitude, sete. Marcam as vicissitudes da Igreja no mundo até participar como Esposa no banquete nupcial do Cordeiro. Por genial artifício literário, os dois primeiros setenários (os selos, as trombetas) são interrompidos no sexto sinal, para criar o grande suspense que abre espaço para a luta entre a Mulher (Povo de Deus) e o Dragão (as “forças do Mal”), nos capítulos 12–14, centro de todo o quadro. Este “suspense” é o reflexo do “ainda não” vivido pelo povo de Deus, ansioso pela consumação escatológica. Depois da cena central (caps. 12–14), soa a vitória: a ruína da cidade pecaminosa, Babilônia, ruína simbolizada pelas sete taças da vindicta, que completam ao mesmo tempo a sétima trombeta e o sétimo selo.

Nosso texto, Ap 11,15-19, situa-se no momento em que soa a sétima trombeta. No limiar do momento decisivo – a luta contra o Império que, para quem “tem inteligência” (cf. 13,18 etc.), é o Império Romano, mas poderia ser qualquer outro – ressoa a exclamação que nos ocupa: Deus e o Cordeiro assumiram o reinado! O canto dos anciãos é o comentário prévio daquilo que vai ser desdobrado na grandiosa pintura dos capítulos 12–14. O fim do tempo da potência do mundo é o começo do *kairós* (10,6) de Deus e do Cordeiro<sup>2</sup>. As duas testemunhas de 11,11-13 prepararam este momento, e o visionário se faz porta-voz do significado de seu testemunho ao evocar o coro dos anciãos.

### “Vozes bem fortes”...

No Apocalipse, como o coro numa tragédia grega ou nos corais na *Paixão segundo Mateus* de João Sebastião Bach, revezam-se com as sucessivas cenas do drama os *hinos a Deus e ao Cordeiro*. Estes hinos exprimem o sentido percebido por quem observa a ação do lado de fora, espiando nos bastidores da história – em primeiro lugar, o próprio apocalíptico, que tem o dom da profecia. Receptor da revelação, o apocalíptico enxerga, por trás da história que aparece no primeiro plano, a verdadeira história, que os outros não vêem, e que ele deve revelar aos fiéis. Os hinos a Deus e ao Cordeiro, que o apocalíptico põe na boca dos celestiais, constituem a expressão por excelência do sentido invisível da história, que aqui na terra se apresenta como perseguição e martírio.

2. Idéia antecipada do comentário de Carlos Mesters e Francisco Orofino. *Apocalipse de São João – A teimosia da fé dos pequenos*. Petrópolis: Vozes, 2003 [Coleção Comentário Bíblico].

Os hinos a Deus e ao Cordeiro, que permeiam a parte central do Apocalipse, são os seguintes:

1) na visão do trono de Deus e do Cordeiro:

4,11: dirigido a Deus;

5,9-10: dirigido ao Cordeiro;

5,12: proclamação a respeito do Cordeiro;

2) no fim do intervalo sobre o tempo da profecia:

11,15: o reinado de Deus e de seu Cristo;

11,17-18: hino ao Deus Todo-poderoso;

3) na queda da antiga Serpente:

12,10-12: Deus, seu Cristo e os mártires;

4) no prelúdio da vindicta final:

15,3-4: dirigido a Deus;

5) depois da vitória final:

19,1-2.6-8: proclamações a respeito da vitória de Deus e das núpcias do Cordeiro.

A questão que aqui levantamos é a seguinte: qual, e de que natureza, é o “reino” de Deus e do Cordeiro evocado nestes hinos. Quando é que ele se realiza?

O que é focalizado é a *basileia*, “reino, reinado, realeza, governo”; a diferença entre estas acepções não é sempre clara, por isso usamos os diversos termos de acordo com seu contexto. Ora, de modo muito típico, estes hinos usam o verbo grego *basileuein*, que podemos traduzir por “ser rei, reinar, governar”, e que parece ser o correspondente do hebraico *malak*, usado nos salmos da realeza de Javé Deus. Equivalente é a expressão “o poder e a glória pertencem a...”

Citemos, em tradução literal:

- 11,15: Chegou (aconteceu) o reinado (a realeza/o governo) do (sobre o) mundo do nosso Senhor e do seu Ungido (Cristo), e ele *reinará* (governará) para os séculos dos séculos.
- 11,17: Damos-te graças, Senhor Deus Todo-poderoso, o sendo e o [que] era, porque assumiste o teu grande poder e *reinaste* (começaste a reinar/governar).
- 19,6: *reinou* (começou a reinar) o Senhor nosso Deus Todo-poderoso.

Os quatro outros casos em que o Apocalipse usa *basileuein* (“reinar”), totalizando, pois, o número simbólico de sete, se encontram antes e depois destas três expressões e evocam o reinado que os resgatados do Cordeiro exercem juntamente com ele (5,10; 20,4.6; 22,5). Aqui se percebe muito bem que o pano de fundo é o reinado sacerdotal do povo eleito (cf. Ex 19,5-6), reinado agora entregue aos seguidores do Cordeiro.

ro, o novo povo de Deus. Eles também reinarão (com Cristo) durante mil anos (20,4.6) ou para os séculos dos séculos (22,5).

Encontramos assim nestes textos uma associação de idéias muito rica. A realeza de Deus é combinada com o reinado do Messias e de seus seguidores, que são o novo ou verdadeiro povo eleito, reino de sacerdotes, sacerdócio régio.

Vem agora a questão da interpretação deste conjunto de imagens.

Em primeiro lugar, é preciso observar sua função no conjunto: são comentários profético-apocalípticos sobre as imagens de luta e perseguição que surgem na mente do visionário. Se o gênero apocalíptico pode ser comparado ao sonho e à pintura surrealista – simultaneidade de detalhes que pertencem a diversas percepções –, os hinos a Deus e ao Cordeiro representam tal visão simultânea, que exprime, em meio à perseguição, o momento da fé inabalável que vê Deus e o Cordeiro como vencedores. Vencedores que estabelecem seu domínio, do qual, nas visões finais, participam também os mártires e os justos. Isto, aliás, é prefigurado nas visões daniélicas do reinado dos santos do Altíssimo representados pelo “filho do homem”, figura onipresente também no livro do Apocalipse (cf. Dn 7).

Podemos então concentrar o sentido desses hinos nesta mensagem: Deus estabeleceu agora seu reinado/governo para valer. Junto com ele reina o Cordeiro vencedor e reinarão também, definitivamente, “pelos séculos dos séculos”, os aparentemente vencidos, os mártires e os justos oprimidos.

Que significa o *egéneto* (“chegou, tornou-se, aconteceu”) que anuncia a grande novidade em 11,15?

Enquanto a *Bíblia do Peregrino* (tanto no original espanhol como na tradução portuguesa) traduz por “chegou ao mundo o reinado de nosso senhor e de seu Messias”, outras traduções preferem interpretar *egéneto* como um semitismo, equivalente a “[agora] chegou a ser”, “tornou-se”, ou simplesmente “é” (TEB: “O reino do mundo é agora de nosso Senhor e do seu Cristo”; nova Bíblia de Jerusalém e Edição Pastoral: “A realeza do mundo passou agora para...”; tradução da CNBB: “O reinado do mundo pertence agora ao...”). Esta tradução, para ter toda a sua força, precisa acrescentar o “agora”, que não é expresso no grego semitizante do original (Almeida, mais literal, traduz: “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo”). Traduzindo como a TEB, a CNBB etc., fica claro que o domínio sobre o mundo é tirado de um poder anterior e “agora” dado a Deus e aos que atuam em solidariedade com ele, o Messias e seus eleitos. Exprime uma reviravolta que é vigorosamente resumida no v. 16: “chegou (*élthen*) a tua ira e o tempo (*kairós*) de julgar os mortos, de dar a recompensa a teus servos, os profetas, e aos santos e aos que temem teu nome, pequenos e grandes, e de destruir os que destroem a terra”. No sentido mais profundo, isso tem um paralelo na libertação do Egito, na qual, de fato, os eleitos são resgatados de um poder terreno para pertencerem ao reino sacerdotal de Javé Deus.

Alguém pode objetar que o governo do mundo pertence *sempre* a Deus – como, aliás, precisa a própria fórmula da eleição do povo (Ex 19,5c). Por que então Deus e o

Cordeiro assumem o reinado só *agora*? O texto do hino, Ap 11,17b, explica por que se pode dizer que o reinado do mundo “agora pertence” realmente a Deus e a seu Ungido (melhor do que “passou para”): porque agora Deus assumiu, agarrou, tomou em mãos (*éilefas*) o que sempre lhe pertence e se pôs a governar (*ebasileusas*, no aoristo).

Deus tomou posse do reinado que lhe pertence, e o seu Ungido com ele. A linguagem de Ap 11,15 e sobretudo 11,18 lembra o salmo de entronização Sl 2,1-2.5, originalmente destinado à posse do rei, mas mais tarde lido como salmo messiânico. *A atuação de Jesus*, participada por seus seguidores, *é a verdadeira tomada de posse de Deus no reino que lhe pertence.*

### **O sétimo anjo tocou a trombeta**

O cântico de 11,15-18 aparece lá onde se teria esperado a descrição imediata da sétima catástrofe (ou do terceiro “ai”) marcada pelas sete trombetas. Ora, uma vez que os sete selos e as sete trombetas não são considerados como futurologia, mas como evocações simbólicas do que aconteceu e está acontecendo, a sétima trombeta anuncia a realidade presente. Faz parte do ainda não aberto sétimo selo. Não anuncia um futuro longínquo, mas aprofunda a visão da história.

Prepara a visão da luta que envolve o maior poder da história conhecida, e que é figurada pela visão da Mulher e do Dragão, capítulos 12–14. O cântico dos v. 15b-18 está assim emoldurado no acontecer histórico anunciado pela sétima trombeta (15a), e que toma ares de teofania, Deus aparecendo desde seu santuário celeste, em relâmpagos e trovões (v. 19).

Se o v. 15a tem ares de fim do mundo, o v. 15b anuncia o início do Reino, e o versículo final, v. 19, a epifania de Deus em sua morada, descrita com os termos de Ex 19, quando da aliança com Moisés. Agora, é a nova e definitiva Aliança.

No meio, o louvor litúrgico dos anciãos, já conhecidos desde a liturgia do cap. 4 (Ap 4,2). Proclamam a investidura de Deus e o juízo sobre as nações rebeldes: realiza-se o que já o Sl 2,1.5 anunciava. E os que o temem, “pequenos e grandes”, recebem a recompensa. Vale a pena parar um instante junto ao termo “pequenos e grandes”. No grande quadro que, logo mais, vai seguir, os poderosos deste mundo estão acima dos demais mortais, subjugam-nos, enganam-nos, os tornam escravos de um sistema clientelista. Na visão do céu, “pequenos e grandes” – termo sociológico que, no Antigo Testamento, significa o povo todo com todas as suas classes – recebem juntos a recompensa.

### **A realidade**

Qual é a realidade que está por trás dessas imagens? Depende da ótica na qual se interpreta o Apocalipse como um todo. Pode-se interpretar o Apocalipse como um livro mitológico, luta de poderes sobrenaturais contra Deus e Jesus Cristo. Pode-se também entender o Apocalipse no nível “metafísico-moral” como a luta do bem contra o mal. Mas diante do uso constante de uma linguagem que lembra a crise babilônica (citações de Ezequiel) e a luta contra Antíoco Epífanes (citações de Daniel), e diante das

imagens que, com transparente disfarce, se referem ao Império Romano, uma leitura sociopolítica parece corresponder melhor ao que o autor quis evocar. Não quis falar de potências mitológicas ou meramente morais. Fala de grandezas políticas que ameaçam o povo de Deus e do Messias. É, portanto, com esta chave que devemos entender a “posse do reino” descrita nos hinos a Deus e ao Ungido que permeiam o Apocalipse. Ler os sinais dos tempos é reconhecer o plano de Deus em sua encarnação histórica, política e social.

Por outro lado, não se limita a uma situação histórica meramente pontual. É difícil individuar quais perseguições o livro tem diante dos olhos – as de Roma sob Nero, as da Ásia Menor sob Domiciano, ou outras ainda. O texto abarca em sua perspectiva muito mais do que uma perseguição momentânea. O próprio gênero apocalíptico contribui para dar-lhe um significado que ultrapassa o acontecimento pontual. Não fala de uma situação histórica isolada. Fala daquilo que o profeta reconhece em uma ou em algumas situações: a intervenção de Deus e seu Messias contra os que se arrogam o senhorio do mundo – antigamente os reis da Babilônia ou da Síria pós-Alexandre e, na atualidade, o Império Romano.

A realidade política que abala a comunidade é vista sob o ângulo da impiedade, da rebeldia contra Deus, e os hinos a Deus e ao Cordeiro exprimem a fé na vitória do Cordeiro, que agora por Deus é investido como dominador. O Reino de Deus é o Reino do Cordeiro e dos seus. Essa é a novidade. Em 5,6, o Cordeiro imolado, trazendo a marca da sua imolação, inimaginavelmente está de pé como um vencedor. De pé, porque ressuscitou, símbolo de sua vitória. A ressurreição de Cristo, na tradição joanina intimamente unida à sua morte, é a investidura daquele que reina e domina em nome de Deus. Visão que desabrocha no reino de mil anos (Ap 20). Como devemos interpretar tudo isso? Será que se trata da substituição dos impérios deste mundo por um reino teocrático de sacerdotes do Altíssimo? Ou será este reino teocrático apenas o imaginário, que os cristãos de raiz judaica usavam, para conceber a certeza de que os reinos deste mundo não têm a última palavra?

A *pragmática* do texto se mostra agora decisiva. Não é a forma e organização desse reinado que está no foco, mas a “obediência” de seus súditos. A pergunta à qual o Apocalipse responde é: a quem devemos obediência? A resposta é clara: a Deus e ao Cordeiro. Importa mais obedecer a Deus que aos homens (cf. At 4,19; 5,29-32).

A realeza assumida pelo Cordeiro, enquanto torna efetivo o reinado de Deus, é participada de modo exemplar pelos mártires. São eles que testemunharam, com seu sangue, que a palavra de Deus, representada por Jesus, é a palavra decisiva no palco da história. Segundo o final da parte central do Apocalipse, cap. 20, eles reinam, na história, durante mil anos – um tempo humano, embora indescritivelmente grande. Ou seja, seguir Cristo, caminhar pelo caminho que ele trilhou, assumir sua prática e confessar que nele está o verdadeiro governo de Deus, é também um reinar neste mundo, não pelas armas e pela violência, mas pelo modo de agir do Cordeiro.

O governo de Deus agora *está neste mundo*: é a participação do Reino em que Cristo agora está entronizado gloriosamente. Mas este reino *não pertence ao mundo*. Pertence a Deus e ao Cordeiro.

### **Concluindo**

Na maravilhosa construção de visões que é o livro do Apocalipse, no limiar da visão da luta e da vitória definitivas do Cordeiro e dos seus, é proclamada a investidura do Cordeiro, juntamente com a efetuação atual do reinado de Deus, no quadro de uma nova Aliança, representada pelo Santuário aberto.

Com vistas à continuação do texto e seu arremate no cap. 20, o reinado de mil anos, devemos interpretar isso em termos históricos. Os primeiros cristãos esperavam a volta do Messias e um reino messiânico na terra (cf. At 1,6), e a morte de Cristo e a luta de seus mártires não eram uma derrota, mas a inauguração dessa realidade nova e definitiva.

Isso não nos exime de fazer uma reinterpretação à luz dos conceitos escatológicos modificados, vinte séculos depois. Sobretudo depois que a história conheceu alguns milenarismos altamente questionáveis... Para essa reinterpretação, talvez nos ajude um paralelo com a antropologia teológica: redescobrimos o valor da visão unitária, que não separa corpo e alma, e que se exprime na fé na “ressurreição da carne”. O ser humano inteiro é salvo. Não deveremos aplicar uma visão semelhante à história? A história inteira, com sua indispensável componente material, política e social, é destinada ao Reinado de Deus e do Cordeiro.

*Johan Konings*  
C.P. 5047  
31611-970 Belo Horizonte, MG